

O ESTADO DE S. PAULO

GERAL

SAÚDE

Saúde

Pacientes desconfiam de diagnóstico de virose

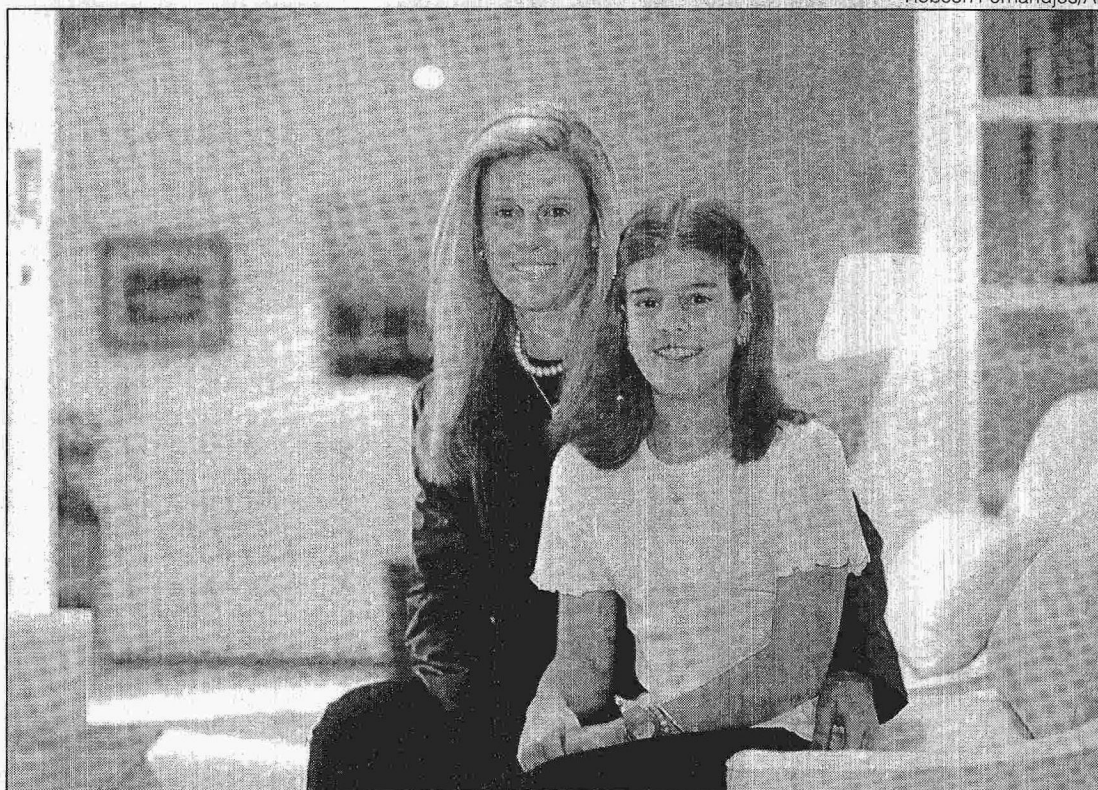
Não são poucos os médicos que atribuem qualquer sintoma a uma infecção por vírus

LÍGIA FORMENTI

Pacientes estão se rebelando contra um modismo adotado há algum tempo pelos médicos. Insatisfeitos com o diagnóstico de virose, dado para problemas tão distintos como diarreia ou manchas pelo corpo, os doentes procuram outros profissionais, encomendam por conta própria exames laboratoriais e, em casos extremos, se auto-medecam.

“Claro que o problema é muito comum, mas ficava muito desconfiada quando o médico dizia, convicto, que se tratava de uma virose com a simples descrição dos sintomas pelo telefone”, conta a bióloga Laila Furquin. Cansada de ouvir do pediatra de seus filhos Pedro, de 7 anos, Luís, de 5, e Sílvia, de 2, que todos os problemas não passavam de infecções por vírus, Laila trocou de profissional. “O médico atual é cauteloso: examina, algumas vezes solicita exames e, quando não consegue fechar o diagnóstico, pede para aguardar um dia.”

Os médicos reconhecem que a atitude dos colegas muitas vezes incomoda. “O diagnóstico de virose é um modismo, assim como na década de 70 tudo era considerado reumatismo”, afirma o professor de clínica médica da Universidade de São Paulo, Wilson Jacob Filho. Ele, porém, justifica a atitude: “É um nome genérico, não há muita diferença em explicar para o paciente se o problema é provocado, por exemplo, pelo rotavírus ou pelo citomegalovírus.” O essencial, continua, é mostrar



Priscila Simonsen e sua filha Juliana: “Falta atenção do médico no atendimento do paciente”

quais os cuidados que devem ser adotados e descrever o andamento da infecção.

Laila discorda. “A segurança é muito maior quando somos informados e quando o veredicto é dado depois de o médico fazer pelo menos um exame clínico.” O professor de clínica médica da Universidade Federal de São Paulo, Antônio Carlos Lopes, admite que algumas vezes o problema é provocado pelo comodismo. “É preciso que o profissional ‘coloque a mão’ no doente, converse com ele.” Quando isso é feito, a insegurança desaparece mesmo sem

um diagnóstico fechado.

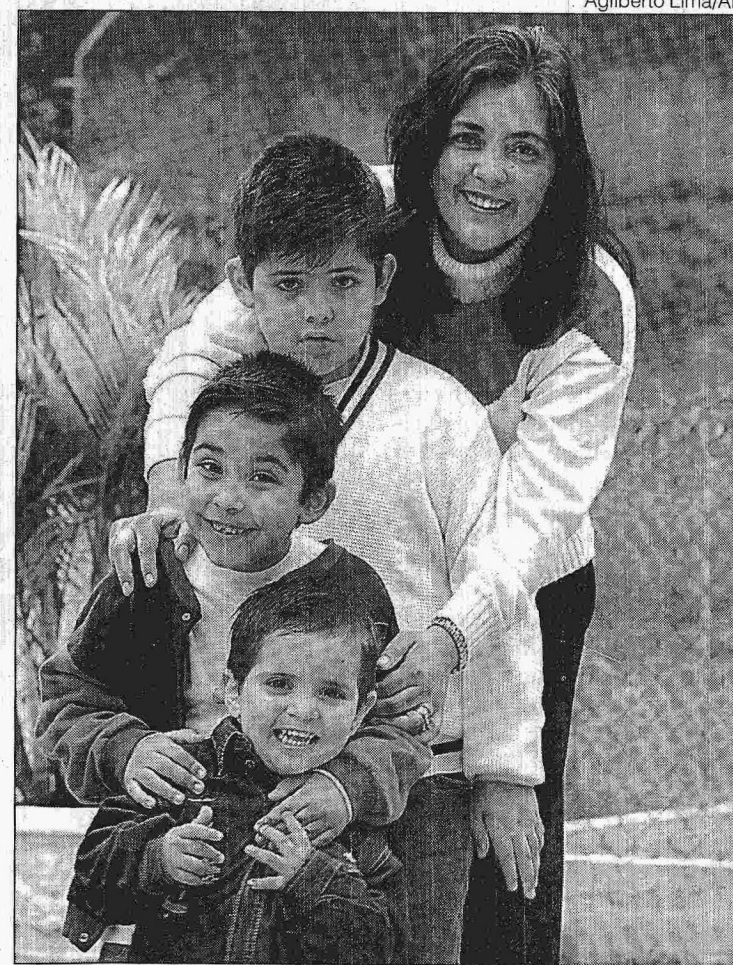
Agentes – Grande número de infecções é provocada por vírus. Mas essas doenças também podem ter outras causas,

como bactérias ou até problemas emocionais. Para o pediatra Leonardo Posternack, existe de fato um aumento das viroses. “Percebemos que hoje os surtos são mais longos e, com isso,

um número maior de pessoas é contaminado.” Ele explica que, de acordo com o tipo de vírus, os sintomas são diferenciados. “Para identificar se o agente é um vírus ou uma bac-

téria, é preciso sensibilidade do profissional, a conversa com o paciente e, em alguns casos, exames laboratoriais”, garante. E, às vezes, é necessário até esperar uns dias para verificar o andamento do paciente. Mas, diz ele, o principal é sempre manter a atenção: “Na medicina, às vezes dois mais dois dá cinco, não há lógica.”

Confiança – Assim como Lopes, Posternack afirma que quando a relação de confiança está estabelecida, as mães entendem a ausência momentânea do diagnóstico. “O que percebo é que muitos profissionais, para não ficar sem ter o que dizer, atribuem logo o problema a uma infecção por vírus.” Nesse aspecto, continua o pediatra, há uma diferença com o passa-



Insatisfeita, Laila Furquin trocou o pediatra de seus filhos

do: “Antes, os profissionais receitavam logo um antibiótico, indicado apenas para infecções provocadas por bactérias.”

Posternack, porém, lembra que já atendeu no consultório crianças que haviam recebido de outros profissionais o diagnóstico de virose e foram medicadas com antibióticos. “Hoje, com o nível de informação, as mães percebem que algo está errado.”

Muitas vezes o que falta é a atenção do profissional. A proprietária do restaurante Freddy, Priscila Simonsen, por exemplo, há menos de um mês

ouviu de um médico que as fortes dores abdominais de seu marido, Fábio, eram provocadas por uma infecção viral. “Ele disse, por telefone, que em alguns dias o problema passaria.” Como não se convenceu, Priscila recomendou que Fábio fizesse um exame laboratorial. Era verminose. “O médico ficou sem jeito e acabou, depois, medicando meu marido.”

Priscila conta que tomou a atitude por causa da overdose dos diagnósticos de infecção por vírus dados para ela e para sua filha, Juliana. “Agora, aprendi a desconfiar.”

**EXAMINAR E
OUVIR O
DOENTE É
ESSENCIAL**